O SERVICE D'HISTOIRE DE L'ÉDUCATION QUE CONHECI: UM DEPOIMENTO PESSOAL

Service d'Histoire de l'Éducation, j'ai rencontré: un témoignage

Eliane Marta Teixeira Lopes
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil.

Com bolsa de estudos concedida pela Capes fui, em 1987, fazer um pós-doutoramento em Paris. Na época, ninguém falava *pósdoc*. Essa bolsa foi concedida a partir do aceite de Ruggiero Romano, professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales, que trabalhava com História Econômica e tinha interesse na vida colonial da América Latina. Apesar dessa aparente divergência de interesses e objetivos, ele discutia comigo as questões que levei para minha pesquisa e facilitou minha vida acadêmica na *École*. A partir de suas sugestões comecei a freqüentar os seminários de Roger Chartier, Jacques Revel, Arlette Farge e, naturalmente, os de Romano. Pouca gente, e não me incluo, sabia quem eram esses monsieurs e madame. Eu de nada sabia, mas prestava muita atenção, tanta que ainda hoje sou capaz de lembrar nomes de pessoas que freqüentavam os seminários, de suas roupas, da cantine, de ambientes das salas: *raiva não ter trazido o passado na algibeira*[1].

Mas eu sabia, por ouvir dizer, que havia um Service d'Histoire de l'Éducation no INRP, e me pareceu que talvez houvesse pesquisadores mais afetos ao meu trabalho e à minha pesquisa. Eu não tinha notícia de colegas brasileiros que tivessem feito estágio lá, mesmo assim, com a cara e a coragem e um linguajar francês de quem havia chegado recentemente, marquei um horário com o diretor, Pierre Caspard. Deparei-me com um homem jovem, muito sério e muito bonito, que me acolheu com a seriedade e atenção que os franceses concedem aos que estão estudando e se interessam por temas que de

[1] Nota do editor: referência ao poema *Aniversário*, de Álvaro de Campos [Fernando Pessoa]. Assistir em http://www.youtube.com/watch?v=f9AuZygAF5U.

alguma forma dizem respeito à França[2]. Nunca poderei agradecer-lhe suficientemente por aquele momento. Um momento em que, por nunca ter vivido tal situação, não se sabe o dizer - nem em português, que dirá em francês -, falta o ar e nem se sabe onde por as mãos. Tudo era estranho, mesmo que a estrangeira fosse eu. Fiquei um ano em Paris, fiquei um ano no SHE, trabalhando, aprendendo e sendo muito bem tratada por todos. Passado o assombro e o espanto iniciais, a simpatia, mas também a antipatia, dos funcionários foi aparecendo nos convites para almoço, para fins de semana e nos jantares à francesa.

Quando voltei para o Brasil, senti-me compelida a escrever um artigo para a revista da Faculdade de Educação da UFMG[3], no qual compartilhei o que havia visto, lido e aprendido com meus colegas brasileiros e agradeci à acolhida acadêmica e à amizade generosamente concedida.

Nesse artigo fiz um panorama do SHE, sua estrutura administrativa, seus funcionários e as linhas de pesquisa. Lendo agora o site do SHE, vejo que há novidades, mas vejo que há ainda as linhas que constituíam o núcleo central de então. Esse tipo de continuidade de trabalho só é possível quando sua implantação é feita em alicerces sólidos, graças a uma direção firme, nem sempre amena, e propósitos claros no interesse da pesquisa e da circulação e divulgação de um trabalho importante. A dimensão política desse trabalho revelava-se aí: a História da Educação era considerada o fundamento para a compreensão e enfrentamento de novos problemas e desafios que a educação enfrentava. Os novos temas, novos objetos, novas metodologias estavam presentes, mesmo que não se fizesse historiografia.

As pesquisas de base constituíam uma exploração formidável da informática, a grande novidade do momento no campo da pesquisa: banco de dados *Emmannuelle* sobre os manuais escolares franceses da Revolução aos nossos dias (A. Choppin; M-A Decouche-Beauchais); a imprensa da educação e do ensino (Pénélope Caspard-Karydis; André Chambon; Pierre Caspard); repertório dos colégios franceses, séculos 16 e 17, (Marie-Madeleine Compère e Dominique Julia); bibliografia da História da Educação francesa a partir de 1976 (Martine Sonnet; Isabelle Havelange).

E ainda: História da leitura e da escrita - Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard; História das disciplinas escolares - André Chervel - e história social do ensino; história do ensino técnico; história prosopográfica do ensino; a escola normal superior 1794-1987; a evolução do tempo escolar.

O compromisso do SHE com o Ministério da Educação era claro: produzir trabalhos e bancos de dados que pudessem contribuir para a formulação de políticas mais adequadas.

Acrescento aqui os comentários que fiz à época:

> Podemos dizer, pela leitura dos trabalhos já publicados e pelas entrevistas que fiz com os pesquisadores do SHE que de um modo geral esses pesquisadores compartilham de um mesmo ponto de vista sobre as relações entre a História e a História da Educação. Poderíamos resumir

[2] Eu estudava as *Filles de la Charité de St. Vincent de Paul* e sua vinda para o Brasil, para Mariana, MG, em 1849.

[3] Ver Lopes, 1988, p. 32-35.

> assim sua perspectiva: na HE não é uma disciplina autônoma. Seus métodos e suas perspectivas de conjunto são aquelas da história em geral em seus diversos e recentes enfoques: história social, história cultural, história econômica etc. É indispensável que o historiador da educação seja capaz não apenas de situar o seu objeto de estudo no contexto histórico, mas também de integra-lo numa problemática histórica mais geral. Ao mesmo tempo deve estar voltado para os problemas educativos do presente, preocupando-se com as questões apresentadas pelos professores. (Lopes, 1988, p. 32)

Naquele momento Pierre Caspard declarou-me que esse dinamismo se manteria, já que a dimensão histórica está necessariamente presente em toda reflexão pedagógica, didática, administrativa ou política sobre a educação atual. Além disso, no plano universitário, os historiadores serão necessariamente conduzidos a tratar, em um momento ou outro de sua pesquisa - seja qual for o tema - de problemas ligados à educação e ao ensino. Disse ainda: o que acarreta problemas é a frágil implantação institucional da História da Educação em relação a outros ramos da História e a outros domínios de pesquisas pedagógicas de aplicação imediata e direta em salas de aula.

Em 1994 Pierre Caspard veio a Belo Horizonte em um encontro de História da Educação promovido pelo Inep. É também de 1994 uma carta que encontrei em meu arquivo sobre a possibilidade de publicação de um número especial sobre a educação no Brasil na *Revue d'Histoire de l'Éducation*. O primeiro problema, não sei se o principal, era o da tradução, que estava insatisfatória: *j'avais signalé au service culturel français que les premières étaient défectueuses*. Confesso que não sei o que aconteceu depois - não me lembro. O comitê de redação da revista deve ter recusado a publicação, já que o problema da tradução persistiu. A mão dupla dessa cooperação deixava a desejar. Talvez ainda deixe. Além do problema da tradução é muito difícil para um estrangeiro escrever diretamente em francês e a versão é um trabalho caro e não financiável, existe o problema do compartilhamento da cultura brasileira. Efetivamente é difícil escrever um texto de História que os franceses possam acompanhar, pois a própria História do Brasil é bastante desconhecida e exige muitas notas de rodapé esclarecedoras sobre personagens e circunstâncias e datas.

Mas houve esforços e boa vontade e, até onde eu sei, alguns trabalhos foram publicados, como o próprio Pierre Caspard declarou em sua entrevista:

> Les courants d'échanges se sont prolongés au travers de publications. Une demi-douzaine d'ouvrages et une quarantaine d'articles de chercheurs du SHE ont été traduits et publiés au Brésil. Il est à peine besoin de souligner le rôle qu'a particulièrement joué dans ce domaine la revue *História da Educação* depuis sa création. La réciproque a été plus modeste, mais pour ne parler que d'elle, *Histoire de l'Éducation* a quand-même publié des articles d'A.M. Casassanta Peixoto et de M.H. Camara Bastos, et prépare un numéro spécial sur l'apprentissage de la lecture dans les pays de langue latine, du XVIII^{e} au XX^{e} siècle, qui inclura le Brésil. (Caspard, Stephanou, Bastos, 2014, p. 220)

As correntes de intercâmbio se prolongaram por meio de publicações. Umas seis obras e uns quarenta artigos de pesquisadores do SHE foram traduzidos e publicados no Brasil. É necessário salientar, particularmente, o papel desempenhado pela revista

História da Educação/Asphe desde a sua criação. A recíproca foi mais modesta mas, restringindo-se a ela, a *Histoire de l'Éducation* publicou artigos de A. M. Casassanta Peixoto e de Maria Helena Camara Bastos, bem como preparou um número especial sobre o aprendizado da leitura nos países de língua latina, do século 18 ao 20, incluindo o Brasil.

Todos nós sabemos que o trabalho intelectual também está sujeito às injunções das crises econômicas, políticas e de exercício do poder. Mesmo que Pierre Caspard, em 1988, já dissesse da frágil implantação institucional da História da Educação, na França ela parecia estar a salvo disso. Sem freqüentar congressos nacionais e internacionais e, por isso, afastada das conversas noticiosas, foi um grande choque quando comecei a conhecer o processo de desmantelamento que o SHE sofria, mesmo sem conhecer suas várias fases e facetas.

Quando me lembro da formidável escadaria do prédio da rue D'Ulm que mostravam, em seus muros que levavam ao terceiro andar, onde estava instalado o SHE, as diversas fases da história da educação na França, e que é um pouco a do mundo, a dimensão simbólica daquele monumento só podia provocar em quem a subia a sensação de que seria preciso mais um andar e que se voltássemos 20 anos depois continuaríamos a subir as escadas aprendendo sobre as corporações, sobre as leis de Carlos Magno, sobre a Universidade de Paris e mais sobre a internet e novas formas de ensinar e aprender. Fui lá e vi: não resta nada dessa escada!

Mas resta a cooperação entre universidades e universitários brasileiros e franceses, resta a enorme influência que durante muitos anos o SHE exerceu sobre as pesquisas brasileiras - resta certa maneira de interpretar e escrever a História da Educação.

Referências

LOPES, Eliane Marta T. O Service d'histoire de l'éducation a serviço de pesquisadores e professores. *Educação em Revista*, n. 8, 1988, p. 32-35.

CASPARD, Pierre; STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. A pesquisa francesa em história da educação: testemunho de um autor - entrevista com Pierre Caspard. *Hist. Educ.* [online], v. 18, n. 42, 2014, p. 209-223.

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES é professora emérita na Universidade Federal de Minas Gerais.
Endereço: Rua Capri, 251 - 32553-140 - Betim - MG - Brasil.
E-mail: emtlopes@uai.com.br.

Recebido em 12 de agosto de 2013.
Aceito em 29 de outubro de 2013.